

'A Presidência é um lugar perigoso', diz Sarney

A frase é um trecho de livro recém-lançado em que o ex-presidente conta bastidores do poder

ARIOSTO TEIXEIRA

BRASÍLIA – A Presidência da República é “um lugar perigoso” e “um cargo que tem o poder de expulsar quem não tem estrutura para exercê-lo”, diz o senador e ex-presidente José Sarney dez anos depois de sua passagem pelo Palácio do Planalto. A memória dele dos idos de março e abril de 1985 está agora publicada em forma de entrevista no volume *Sarney, o Outro Lado da História*, organizado pelo jornalista Oliveira Bastos, que a editora Nova Fronteira pôs nas prateleiras das livrarias esta semana. Além de Sarney, escreveram ou prestaram depoimentos ex-ministros de seu governo como Saulo Ramos (Justiça), Ronaldo Costa Couto (Casa Civil), João Sayad (Planejamento), Maílson da Nóbrega (Fazenda) e o general Rubens Bayma Denys (Gabinete Militar).

Sarney dá detalhes, pela primeira vez, das negociações que resultaram na sua posse no lugar do presidente eleito, Tancredo Neves, então internado gravemente enfermo no Hospital de Base de Brasília. “Se, naquele primeiro momento, alguém soubesse que Tancredo iria morrer, eu não teria sido empossado”,

acredita ele hoje. Sarney admite que começou como um presidente “que tinha tudo para não terminar o mandato” e vai mais longe: “Aliás, eu não tinha condições de começar. Era um vice-presidente fraco, que não participava das escolhas do governo nem fora consultado. Todo o esquema das forças políticas me era hostil.”

As lembranças do ex-presidente ganham relevância especial agora – além de seu interesse histórico natural –, porque sua filha, a governadora do Maranhão Roseana Sarney, por circunstâncias políticas e do destino pode se tornar um nome competitivo para disputar a sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso em 2002. A única filha mulher do ex-presidente sempre mereceu dele afeição especial e parece lógico que, apesar da autonomia e independência com que ela conduz sua carreira, seu pai seja apontado por amigos como o mais temeroso do que ela possa ter de enfrentar se chegar ao primeiro plano de lugar que ele julga tão difícil.

Sem medo – A governadora, porém, que o assessorou no Senado, governa pela segunda vez o Maranhão e esteve ao lado do

pai nos cinco anos de seu mandato presidencial, diz que há muito conhece essa visão sobre os riscos da Presidência e afirma que não tem medo algum de ocupá-la. “Eu não tenho medo de nada”, disse ao *Estado*. “Sei que é difícil governar o Brasil, assim como também o é dirigir um Estado ou um município.”

Em outro trecho do depoimento do ex-presidente, ele revela: “Várias reuniões e articulações foram feitas para evitar a minha posse. Assumi, porque o preço de meu afastamento poderia ter um custo imprevisível. O

poder podia voltar aos militares. Havíamos feito um excelente trabalho de aproximação política com um importante setor militar. Na semana anterior à posse, todo o comando das tropas já esta-

va nas mãos do Leônidas (Pires Gonçalves, ministro do Exército designado por Tancredo). (...) A minha presença, naquele instante, era uma garantia legal de normalidade para os militares que nos apoiavam e para as correntes políticas de oposição que chegavam ao poder.”

Sobre sua estratégia política: “Avaliei muito bem as minhas deficiências e as dificuldades de minha circunstância. Eu não tinha legitimidade política e não

podia tomar nenhuma decisão que importasse contrariar interesses de qualquer desses grupos confederados que constituem o governo. Se o fizesse, surgiria o temível impasse. Nessa fase, amparei-me muito no Ulysses Guimarães. Ele era o ícone da resistência. Eu estava, na realidade, condenado à fragilidade. Mas não estava condenado a aceitar a fragilidade. Naquele momento, é certo, não havia outra opção senão a de assumir a minha fraqueza. Ser fraco era o preço para tornar-me cada vez menos fraco.”

Cruzado – Sobre o desafio da economia: “Se ela entrasse em colapso, tudo estaria perdido. É impossível qualquer abertura, a efervescência da abertura, com recessão. E era essa a fórmula do sucesso que me sugeriam. Eu teria apoio internacional e a boa vontade das classes dirigentes. Não morde a isca. Saí à cata de uma solução para a inflação, que já era insuportável. Meu grande aliado e construtor desse instante foi João Sayad (atual secretário de Finanças da Prefeitura de São Paulo).” Sarney continua: “Fico perplexo quando se fala que o Plano Cruzado foi eleitoral. Que foi feito e usado para ganhar eleição. Ora, nenhum político faz qualquer coisa em fevereiro visando ganhar eleições em novembro, ainda menos um plano novo, sem precedentes, cheio de riscos.” (Agência Estado)

CARREIRA
DO PAI PODE
ATRAPALHAR
A FILHA